

MADAME EDWARDA

Publicado sob o pseudônimo de Pierre Angélique em :

1937 (de fato, 1941) : Editions du Solitaire ; tiragem de 50 exemplares ;

1942 (de fato, 1945) : edição ilustrada com gravuras de Fautrier pelas Editions du Solitaire ;

1956 : Editions Pauvert, nova versão acrescida de um prefácio de Georges Bataille.

A página de rosto, com o título, sempre duplicada por uma quarta capa apresentando um falso título: *Divinus Deus*.

1971: *Oeuvres Complètes*, vol. III. Paris: Gallimard, pp. 9-31.

PREFÁCIO

“A morte é o que há de mais terrível, e manter o trabalho da morte é o que exige a maior força”.

Hegel

O próprio autor de *Madame Edwarda* chamou a atenção para a gravidade de seu livro. Entretanto, parece-me melhor nisso insistir, em razão da leviandade com que costumeiramente são tratados os escritos que têm a vida sexual como tema. Não que eu tenha a esperança — ou a intenção — de mudar algo nesse particular. Mas peço ao leitor de meu prefácio que reflita um breve instante sobre a atitude tradicional em relação ao prazer (que, no jogo dos sexos, atinge a louca intensidade) e à dor (que a morte acalma, é verdade, mas que antes de tudo conduz ao pior). Um conjunto de condições nos leva a ter do homem (da humanidade) uma imagem afastada tanto do prazer extremo quanto da extrema dor: em alguns, os interditos mais comuns atingem a vida sexual; em outros, a morte. De modo que tanto esta como aquela constituíram um domínio sagrado, que diz respeito à religião. O mais lamentável começou quando somente aos interditos referentes às circunstâncias do desaparecimento do ser foi atribuído um aspecto grave, e quando aqueles relativos às circunstâncias de sua aparição — toda a atividade genética — foram tomados levemente. Não penso protestar contra a tendência profunda da maioria: ela é a expressão do destino que quis que o homem risse de seus órgãos reprodutores. Mas esse riso, que aponta para a oposição do prazer e da dor (a dor e a morte são dignas de respeito, enquanto o prazer é derrisório, destinado ao desprezo), marca também seu parentesco fundamental. O riso não é mais respeitoso, é o sinal do horror. O riso é a atitude de compromisso que o homem adota em presença de um aspecto repugnante, quando esse aspecto não parece grave. Tanto mais que o erotismo considerado com gravidade, tragicamente, representa uma completa subversão.

Faço questão, primeiramente, de precisar a que ponto são vãs as banais afirmações segundo as quais o interdito sexual é um preconceito do qual é tempo de se desfazer. A vergonha, o pudor, que acompanham o forte sentimento do prazer, são tão somente provas de falta de inteligência. Diga-se, então, que deveríamos enfim fazer tabula rasa e retornar ao tempo da animalidade, da livre devoração e da indiferença às imundícies. Como se toda humanidade não resultasse de grandes e violentos movimentos de horror seguido de atração, a que se ligam a sensibilidade e a inteligência. Mas sem nada querer opor ao riso causado pela indecência, é possível retornar — em parte — a uma visão que unicamente o riso introduziu.

De fato, é o riso que justifica uma forma de condenação desonrosa. O riso nos engaja na via onde o princípio de uma interdição, de decências necessárias, inevitáveis, transmuda-se em hipocrisia cerrada, em incompreensão do que está em jogo. A extrema licença ligada

à zombaria é acompanhada de uma recusa em levar a sério — quero dizer, tragicamente — a verdade do erotismo.

O prefácio deste livrinho, onde o erotismo está representado sem volteios, abrindo para a consciência de uma dilaceração, é para mim a ocasião de um apelo que pretendo patético. Não que a meus olhos seja surpreendente que o espírito desvie-se de si mesmo e que, ao dar por assim dizer as costas para si, torne-se, em sua obstinação, a caricatura de sua verdade. Se no fim das contas o homem necessita da mentira, problema dele! O homem que talvez tenha seu orgulho é afogado pela massa humana... Mas, enfim, jamais esquecerei o que de violento e de maravilhoso se liga à vontade de abrir os olhos, de ver de frente o *que acontece, o que é*. E eu não saberia o *que acontece*, se nada soubesse do prazer extremo, se nada soubesse da extrema dor!

Entendamo-nos. Pierre Angélique tem o cuidado de dizê-lo: nada sabemos e estamos no fundo da noite. Mas ao menos podemos ver o que nos engana, o que nos desvia de conhecer nossa aflição, de saber, mais exatamente, que a alegria é a mesma coisa que a dor, a mesma coisa que a morte.

Aquilo de que nos desvia esse grande riso, suscitado pela zombaria licenciosa, é a identidade do prazer extremo e da extrema dor: a identidade do ser e da morte, do saber que se conclui nessa perspectiva resplandecente e da obscuridade definitiva. Dessa verdade, é provável que poderemos finalmente rir, mas dessa vez com um riso absoluto, que não se detém no menosprezo do que pode ser repugnante mas cuja repulsa nos submerge.

Para ir ao extremo do êxtase, onde nos perdemos no gozo, temos sempre de lhe impor o imediato limite, o horror. Não somente a dor dos outros ou mesmo a minha, ao me aproximar do momento em que o horror me reerguerá, pode me fazer chegar ao estado de alegria próxima do delírio, mas não há forma de repugnância cuja afinidade com o desejo eu não perceba. Não que o horror se confunda com a atração, mas se não pode inibi-la, destruí-la, o *horror reforça a atração!* O perigo paralisa. Porém, menos forte, pode excitar o desejo. Chegamos ao êxtase apenas na perspectiva, ainda que longínqua, da morte, do que nos destrói.

Um homem difere de um animal porque algumas sensações o ferem e o aniquilam mais profundamente. Essas sensações variam segundo o indivíduo e as maneiras de viver. Mas a visão do sangue, o odor do vômito, que suscitam em nós o horror da morte, nos fazem por vezes conhecer um estado de náusea que nos atinge mais cruelmente que a dor. Não suportamos aquelas sensações ligadas à vertigem suprema. Alguns preferem a morte ao contato de uma serpente, ainda que inofensiva. Existe um domínio onde a morte não mais significa simplesmente o desaparecimento, mas o movimento intolerável pelo qual desaparecemos a *despeito de nós*, enquanto que não deveríamos desaparecer *custe o que custar*. É justamente esse *custe o que custar*, esse a *despeito de nós* que distinguem o momento da extrema alegria e do êxtase inominável mas maravilhoso. Se nada há que nos exceda, que nos exceda a *despeito de nós*, devendo não ser *custe o que custar*, não atingimos o momento *insensato* ao qual tendemos com todas as nossas forças e que ao mesmo tempo repelimos com todas as nossas forças.

O prazer seria desprezível se não fosse essa suplantação aterradora, que não está reservada ao êxtase sexual, que os místicos de diferentes religiões, antes de tudo os místicos cristãos, conheceram da mesma maneira. O ser nos é dado numa suplantação *intolerável* do ser, não menos intolerável que a morte. E já que, na morte, ao mesmo tempo em que ele nos é dado nos é retirado, devemos buscá-lo no *sentimento* da morte, naqueles momentos intoleráveis em que parecemos morrer, porque o ser em nós não está mais ali senão por excesso, quando coincidem a plenitude do horror e da alegria.

Mesmo o pensamento (a reflexão) em nós se conclui apenas no excesso. O que significa a verdade fora da representação do excesso, se não vemos o que excede a possibilidade de ver, o que é intolerável ver, como no êxtase é intolerável gozar? se não pensamos o que excede a possibilidade de pensar...?*

Ao final desta reflexão patética que, num grito, anula a si mesma na medida em que soçobra na intolerância de si, encontramos Deus. É o sentido, a enormidade deste livro *insensato*: esta narrativa põe em jogo, na plenitude de seus atributos, o próprio Deus. Entretanto, esse

Deus é uma mulher pública, semelhante a todas as outras. Mas o que o misticismo não pôde dizer (no momento de dizê-lo, ele fraquejava), o erotismo o diz: Deus nada é se não é a suplantação de Deus em todos os sentidos; no sentido do ser vulgar, do horror e da impureza; por fim, no sentido de nada ... Não podemos impunemente acrescentar à linguagem a palavra que suplanta as palavras, a palavra *Deus*; desde que o fazemos, essa palavra, ao se suplantar a si mesma, destrói vertiginosamente seus limites. O que ela é não recua diante de nada, está em toda parte onde é impossível esperá-la: ela própria é uma *enormidade*. Quem quer que tenha disto a menor suspeita, de pronto se cala. Ou, procurando a saída, e sabendo que se compromete, procura em si o que, podendo anulá-lo, torna-o semelhante a Deus, semelhante a nada**.

Nessa inenarrável via por onde nos conduz o mais incongruente de todos os livros, pode ser porém que ainda façamos algumas descobertas.

Por exemplo, ao acaso, aquela da felicidade ...

A alegria estaria justamente na perspectiva da morte (por isso ela se mascara sob o aspecto de seu contrário, a tristeza).

Não sou de modo algum levado a pensar que o essencial neste mundo é a volúpia. O homem não se limita ao órgão do gozo. Mas esse inconfessável órgão lhe ensina seu segredo***. Se o gozo depende da perspectiva deletéria aberta ao espírito, é provável que trapacearemos e que tentaremos alcançar a alegria aproximando-nos o menos possível do horror. As imagens que excitam o desejo ou provocam o espasmo final normalmente são suspeitas, equívocas: se é o horror, se é a morte que elas têm em vista, é sempre de uma maneira sorrateira. Mesmo na perspectiva de Sade, a morte é desviada sobre o *outro*, e o *outro* é a princípio uma expressão deliciosa da vida. O domínio do erotismo dedica-se sem escapatória à trapaça. O objeto que provoca o movimento de Eros se apresenta como aquilo que não é. Eis porque, em matéria de erotismo, são os ascetas que têm razão. Os ascetas dizem que a beleza é a armadilha do diabo: somente a beleza, com efeito, torna tolerável uma necessidade de desordem, de violência e de indignidade, a raiz do amor. Não posso examinar aqui o detalhe de delírios cujas formas se multiplicam e cujo amor puro nos faz conhecer dissimuladamente o mais violento, que leva aos limites da morte o excesso cego da vida. Talvez a condenação ascética seja grosseira, covarde, cruel, mas ela combina com o tremor sem o qual nos afastamos da verdade da noite. Não há razão para dar ao amor sexual uma eminência que somente a vida possui, mas se não levássemos a luz ao ponto mesmo em que a noite cai, como nos saberíamos feitos, como nós o somos, da projeção do ser no horror? se ele soçobra no vazio nauseante de que deveria fugir *custe o que custar...*?

Nada, absolutamente nada, é mais temível! A que ponto as imagens do inferno nos pórticos das igrejas deveriam nos parecer derrisórias! O inferno é a fraca idéia que Deus nos dá involuntariamente dele mesmo! Mas na escala da perda ilimitada, reencontramos o triunfo do *ser* — ao qual jamais faltou senão concordar com o movimento que o quer perecível. O ser convida a si próprio para a dança terrível, de ritmo sincopado, e que devemos tomar como é, sabedores apenas do horror com o qual ela se harmoniza. Se o coração nos falta, nada há de mais supliciante. E jamais o momento supliciante faltará: se nos faltar, como superá-lo? Mas o *ser aberto* — para a morte, para o suplício, para a alegria — sem reserva, o ser aberto e moribundo, doloroso e feliz, aparece já em sua luz velada: essa luz é divina. E o grito que, com a boca deformada, esse ser torce talvez mas profere, é uma imensa *aleluia*, perdida no silêncio sem fim.

Tradução de Osvaldo Fontes Filho

NOTAS

* Desculpo-me por acrescentar aqui que essa definição do ser e do excesso não pode filosoficamente ser fundamentada, pois que o excesso excede o fundamento: o excesso é aquilo mesmo pelo qual o ser é, de imediato, antes de todas as coisas, fora de todos os limites. O ser talvez se encontre também entre limites: esses limites nos permitem falar (falo também, mas ao falar não esqueço que a palavra me escapa e de mim escapar). Essas frases metodicamente alinhadas são possíveis (elas o são numa ampla medida), pois que o excesso é a exceção, é o maravilhoso, o milagre...; e o excesso designa a atração — a atração, senão o horror,

tudo o que é mais que o que é, mas sua impossibilidade está de antemão dada. De tal modo que nunca estou amarrado, nunca me submeto; conservo minha soberania, que somente a morte, que provará a impossibilidade em que estava de me limitar a ser sem excesso, separa de mim. Não recuso o conhecimento, sem o qual não escreveria, mas esta mão que escreve está moribunda e, por essa morte a ela prometida, ela escapa dos limites aceitos ao escrever (aceitos pela mão que escreve, mas recusados por aquela que morre).

** Eis, pois, a primeira teologia proposta por um homem iluminado pelo riso e que se digna a não limitar o que não sabe o que é o limite. Marquem com ferro o dia em que vocês leram, vocês que empalideceram diante dos textos dos filósofos! Como pode se exprimir aquele que os faz calar senão de um modo que não lhes é concebível?

*** Além disso, eu poderia observar que o excesso é o princípio mesmo da reprodução sexual: de fato, a divina providência quis que, em sua obra, seu segredo permanecesse legível! Nada podia ser poupado ao homem? No dia mesmo em que ele percebe que o sol lhe falta, dizem que o sol lhe falta providencialmente! Mas ainda que retirasse a criança de sua blasfêmia, é blasfemando, cuspiendo sobre seu limite, que o mais miserável goza; é blasfemando que ele é Deus. Isso tanto mais é verdade que a criação é inextricável, irreduzível a qualquer outro movimento de espírito que não aquele certo de, uma vez excedido, exceder.